

---

## SOBRE ENCONTROS E CONEXÕES DE HISTÓRIAS COMO FORMAÇÃO

Valter Filé<sup>(\*)</sup>

A narrativa é uma das possibilidades de darmos sentido ao que nos acontece. Ao narrar, tentamos trabalhar sobre as nossas experiências. Como nos ensina Paul Ricoeur, a narrativa atua na refiguração do tempo cósmico, do tempo do calendário transformando-os em tempo humano, em tempo vivido (e vívido). Um tempo habitado que orienta a nossa trajetória, que organiza, não qualquer história, mas a nossa história, a história de grupos humanos específicos. As composições narrativas – que é como trabalhamos o acontecido –, são oportunidades para negociações entre a memória do que nos passou com aquilo que pudemos fazer com estes “passados” e o que estes “passados” fizeram/fazem conosco e as possibilidades que temos para contar. Assim vamos nos formando... Ouvindo e contando histórias. Reconhecendo-nos em personagens que inventamos para nós mesmos, nos personagens que somos nas histórias de outros...

A formação como narrativa é um uso que faço (quase uma licença poética) do conceito de *identidade narrativa* assumido por Ricoeur (1991). Infelizmente, muitos de nós, ainda respondemos à pergunta pela formação com um documento chamado de *histórico escolar*. E tal histórico tem basicamente números ou “conceitos” genéricos e generalizantes.

Talvez pudéssemos pensar a nossa formação a partir dos relatos, das narrativas que fazemos sobre aquilo que nos passa. Sobre a qualidade dos encontros, sobre a qualidade das interações como queria Vygotsky.

As narrativas cotidianas dos sujeitos da educação, juntamente com outras narrativas que nos alcançam no interior das escolas – das disciplinas, das lendas produzidas pelas próprias práticas pedagógicas, as grandes narrativas –, têm coexistido, mas sem se tocarem, sem se conectarem, muitas das vezes. As histórias dos sujeitos que frequentam os espaços das salas de aula, muitas delas, são ignoradas, tratadas como algo a ser esquecido, a ser substituído pela grandiloquência dos discursos evangelizadores, em nome de uma formação baseada na informação daquilo que se supõe

---

<sup>(\*)</sup> Professor adjunto da UFRRJ – campus Nova Iguaçu. Ex-orientando – mestrado e doutorado – da professora Nilda Alves.

---

importante, na ilustração, na conversão dos infiéis, na eliminação da barbárie (e as histórias cotidianas são tratadas, muitas das vezes, como restos dessa barbárie que devem ser eliminados).

Mas talvez o trabalho de formação comece pelo esforço que temos que fazer para conectar diferentes narrativas (de ficção, históricas ou as narrativas da ciência) – como trabalho de composição de outras histórias, agora encarnada em nós – para evitarmos o desperdício da experiência, como diria Boaventura de Souza Santos (2000). Conectar os murmúrios das vozes vacilantes dos que supostamente não teriam nada a dizer e, muito menos, nada que ver com as grandes narrativas. Encontrar onde umas conectam-se (ou não) com as outras. Tentar pensar sobre as encruzilhadas entre elas, localizando-as, contextualizando-as. Intuir sobre as diferentes formas como cada um dá sentido para as disciplinas, para a Grande História, para as possibilidades de serem incorporadas como elementos que possam ser usados em relatos e inventos pessoais. Provocar diferentes maneiras de cada um enuncia-se; de cada um elabora-se em suas narrativas e as maneiras como cada um aparece (ou é eliminado) nas histórias narradas por outros.

Este texto pretende oferecer-se como a narrativa de alguns acontecimentos que dizem respeito à minha formação. Pretende oferecer vestígios de como fui fazendo algumas das minhas conexões possíveis entre as diferentes e complexas histórias – contadas e “ouvidas”, entre diferentes e complexos personagens. Diz respeito a um período específico e que considero muito importante: a minha volta ao mundo acadêmico, a minha entrada no mestrado em educação. Narrativa sobre alguns acontecimentos e, desde aí, os seus desdobramentos – tanto para o que veio, tanto para o que está por vir. Uma narrativa que coloca ênfase num encontro que foi decisivo para a minha formação.

O encontro foi com a professora Nilda Alves. Desde aí, outros encontros e acontecimentos me abriram outras condições. Esse encontro foi decisivo para a minha formação.

Nilda me apresentou a Michel de Certeau e tantos outros, e tantas outras narrativas, e tantas outras possibilidades de conectá-las. Apresentou-me a possibilidade de reconhecer-me, de compreender melhor a mim mesmo (como diria Carlos Eduardo Ferraço, via Milton Nascimento, sendo “eu, caçador de mim”) a partir dos estudos com os cotidianos. Uma possibilidade de pensar o mundo, a educação, as redes por onde nos movemos e aprendemos. As histórias, algumas delas já foram contadas na minha dissertação. Mas acho que cabe revisitá-las.

---

## UM BAIANO EM NOVA IORQUE

Quando cheguei ao mestrado, fiquei meio espantado. Estava há muito tempo fora da vida acadêmica e sentia dificuldades para me “locomover”. Se, como diz Certeau (1998), “os passos moldam os espaços”, minha caminhada desenhava como que um espaço minado (como em Angola, um dos lugares que conheci, com o maior número de gente mutilada pela explosão de minas instaladas durante a guerra civil). O linguajar usado, os movimentos dos alunos, as atividades da secretaria do Programa (que para mim eram quase secretas), as salas, os professores e as linhas de pesquisa (algumas até “obrigando” os alunos a andarem apenas naquela linha, impedindo desvios, impedindo entroncamentos e escamoteando as avarias) que aparentemente são paralelas e, portanto, com encontros previstos apenas para o infinito.

Minha sensação era de que muitos dos que estavam ali já eram “iniciados” na vida acadêmica, enquanto eu... pouco sabia.

Meu desconforto era um estado maior que o do Amazonas. Desconforto de Robson Cruzeiro ao ver pela primeira vez as pegadas do Sexta-feira na areia da praia e ter que assumi-lo por estes vestígios que era o único documento. Alguns alheamentos de Sexta-feira com a alteridade conquistadora de Cruzeiro. Sentia-me invadido e invadindo. Sentia-me um caipira de Jeremoabo – minha cidade natal do sertão baiano – andando pelas ruas de Nova Iorque.

Então, passei a chamar o Proped<sup>1</sup> de Nova Iorque. Não só pelo meu desconforto e o meu estranhamento à língua que não sabia falar, ou a minha pouca “orientação” na cidade, mas também pela forma complexa como sua geografia se me apresentava. A distância que existia entre alguns pontos da cidade: distância de uma linha de pesquisa à outra, mesmo sendo da mesma “cidade”, quase exigia passaporte para se transitar entre elas.

Nova Iorque tinha, para mim, muito de desconhecido, de fragmentação, de confusões, de zonas agradáveis, perigosas e turísticas.

Na minha estada pela cidade, andei por roteiros bastante tradicionais, destes que fazem parte de pacotes turísticos obrigatórios: visitei “igrejas”, sinagogas, (a organização da cidade não me permitiu achar – se é que tem – nenhum terreiro de umbanda, candomblé e carne de sol), monumentos, parques; mas pude também zanzar à toa e me deixar surpreender com aspectos da raça humana que habitam não somente essa, mas todas as cidades.

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

---

Habitar Nova Iorque, *com-viver* com suas gentes, suas paisagens revelaram-me muitas coisas sobre a cidade, mas muito mais acerca de mim mesmo. Foi no contato com o outro, de ter que obrigar a minha língua a disponibilizar-se para se comunicar com o outro, com o desconhecido (o que estava diante de mim e o que estava dentro de mim) o diferente, na maneira como eu me comportava com ele que pude me ver de forma como nunca tinha visto. Às vezes sem querer largar a mala que trouxera de Jeremoabo, contendo coisas bastante peculiares da cidade pequena – um candeeiro, uma câmera de vídeo, um molho de feijão-de-corda, um livreto de cordel e um notebook – achando que misturar com produtos nova-iorquinos me descaracterizaria. Era a minha vã (e ingênua) tentativa de não me modificar, de me manter fiel ao meu lugar.

Senti uma forte sensação de que ali, no meio dos arranha-céus e das gentes com comportamentos os mais variados, eu era mesmo de Jeremoabo. Mas tinha a impressão de que, quando chegasse a Jeremoabo, ela (a minha cidade natal) e eu seríamos outros. O frio no meu estômago insinuava que eu nunca deixaria de ser baiano do sertão, mas também nunca mais seria só isso.

Nova Iorque me ensinara que tão importante quanto os traçados da cidade são os fluxos, as movimentações, as aproximações, enfim, o trânsito que coloca em evidência os nossos entrelugares, talvez como sentir-se hindu-britânico, como Homi Bhabha.

Mas de Nova Iorque, a melhor lembrança é dos amigos<sup>2</sup>. Juntos fizemos vários percursos. Fomos ao 110º andar do World Trade Center dar uma espiadinha na cidade, mas minha vertigem providencialmente me fez voltar ao burburinho das ruas, dos bares, às conversas com migrantes como eu, só que alguns tentavam falar a linguagem da cidade como nativo, com sotaque e tudo, talvez para esconder as marcas de estrangeiro, mesmo que isto nem sempre desse certo.

Estes amigos me propiciaram espelho, cervejas, papos infundáveis, fios que alinhavam um diálogo com minha pesquisa. Eles me ajudaram com traduções, ajudaram nas minhas muitas travessias.

Mas como cheguei a Nova Iorque? Como me meti nessa empreitada de passar de uma cidade do sertão baiano direto para a praça do mundo, sem nem ao menos um período de adaptação em alguma grande metrópole brasileira? Só contando algumas lendas e seus mistérios.

---

<sup>2</sup> Dois dos meus grandes amigos devem ser nomeados: Inês Barbosa de Oliveira e, para mim, a sua maior qualidade e potência epistemológica e política: a alegria e o riso como capacidade de desmoralização de algumas armadilhas da academia, da ciência e da vida; e Paulo Sgarbi em sua generosidade e sutileza.

---

## LENDAS, MISTÉRIOS...

Minha entrada no mestrado em educação – ou a minha ida para Nova Iorque – se deveu muito à necessidade de estabelecer um diálogo espiritual/teórico/metodológico de uma determinada produção acadêmica com a minha experiência de mais de dez anos de trabalho em projetos de comunicação e outros vinte anos em movimentações culturais e políticas pela Baixada Fluminense, região metropolitana do Rio de Janeiro. Uma conversa que fosse tecendo conhecimentos que pudessem contribuir na tessitura de outras redes na formação de professores em suas práticas cotidianas.

Entrar no mestrado envolveu questões que vão além do concurso, de documentos, enfim, das operações mais práticas e burocráticas que o movimento exige. Vou contar uma historinha que dá conta do que eu estou falando:

Uma amiga me incentivava muito a fazer o mestrado. Estava terminando sua dissertação e, pela sua experiência e por conhecer bem a minha, acreditava que a sua orientadora poderia me ajudar muito, principalmente pela minha condição de “matuto de Jeremoabo”.

Depois de algum tempo, resolvi tentar o concurso na Universidade Federal Fluminense – onde esta minha amiga, agora já mestra, havia feito seus estudos no mestrado em educação – em busca da tão falada orientadora.

Me inscrevi, participei de todas as etapas do concurso e ... não passei.

Chateado, resolvi que não tentaria mais, embora achasse importante. Até que um dia uma outra amiga me indicou a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, também o mestrado em educação. Tentei o ingresso, porém, mais uma vez, havia ficado na entrevista, pois, segundo as duas simpáticas entrevistadoras, meu “objeto” de pesquisa não tinha quem o acolhesse.

Fiquei mais aborrecido ainda. Não sabia porque tinha tentado um mestrado onde nem sequer havia uma linha de pesquisa em que houvesse um desejo mútuo.

Um ano depois, a mesma pessoa que me indicara a Uerj me convence a tentar novamente o ingresso no mestrado. Fui.

Desta vez, na ficha de inscrição tínhamos que escolher o nome do orientador ou da orientadora. Preencho a ficha de inscrição e coloco um nome – escolhido a partir de uma ementa muito resumida conseguida no folder do concurso – imaginando que dos males poderia ser o menor já que depois de entrar teria de negociar muita coisa.

---

Minha amiga e guardiã me pediu para dar uma olhada no nome que eu havia colocado como indicação para minha orientação. Ao ler a ficha, insistiu para que o nome fosse trocado. Coloquei então o nome sugerido por ela (o que para mim não significava nada) e fui às provas. Desta vez fui selecionado.

As aulas começaram e eu estava bastante satisfeito com minha orientadora, que tinha a grande virtude de ser humana com toda a carga que isso quer dizer. Quando eu citava o seu nome as reações eram as mais diversas: uns a amavam, outros nem tanto.

Um belo dia me liga a primeira amiga, aquela que me indicara sua orientadora da UFF (lembra?). Conversávamos sobre o mestrado e ela muito feliz por eu ter conseguido entrar, apesar de não ser na UFF com sua orientadora, a quem ela atribuía inúmeras qualidades. Lamentou, mas, de qualquer maneira, perguntou o nome da minha orientadora: “Nilda Alves” – respondi. Aí o telefone ficou mudo, mas com sons do ambiente que denunciavam – não a péssima qualidade do serviço de telefonia do Rio de Janeiro – mas parecia ter acontecido alguma coisa com a pessoa do outro lado da linha.

Depois de muita insistência minha ela me respondeu: “Filé, a Nilda Alves foi a minha orientadora, a pessoa que eu havia pensado ter tudo a ver com você, só não sei como ela foi parar na Uerj!”

Depois, descobri que, no ano em que eu havia tentado ir para o mestrado em educação da UFF, em busca da professora Nilda Alves, ela havia se aposentado, indo, então, para a Faculdade de Educação da Uerj.

Como é trançada a vida!

## **NOSSO ENCONTRO**

No dia da minha entrevista, como parte do processo de seleção para a entrada no Proped, cheguei uns vinte minutos antes da hora. Como diria Romildo<sup>3</sup>, “passarinho que acorda tarde como fruta verde”. Cheguei no local da entrevista e ao meu encontro veio uma “senhora” que me perguntou se eu era o José Valter Pereira. Respondi que sim e ela me disse que eu devia ter chegado ainda mais cedo. Ponderei que meu horário ainda não havia chegado, mas ela insistiu que se eu estivesse mesmo com vontade de entrar, deveria estar mais agitado, deveria ter chegado mais cedo

---

<sup>3</sup> Romildo, compositor que deu início ao Projeto Puxando Conversa sendo o primeiro a ser gravado em vídeo. Tal projeto foi tema da minha tese de doutorado, também orientada pela professora Nilda Alves.

---

ainda. Levei alguns instantes pensando quem seria a tal criatura e que se eu tivesse que ter algum contato com ela, talvez eu não seria tão feliz ali.

Mas de tudo o que pude viver ali, ela foi a pessoa que mais deu condições para que eu andasse em Nova Iorque (e que fizesse outras viagens). Nosso encontro foi e é, ainda hoje, uma interminável conversa sobre os acordos e as negociações entre os mapas epistemológicos e alguns territórios, principalmente os das linguagens, sobre as nossas possibilidades humanas.

Conversas que me levaram a compreender a importância dos estudos do cotidiano, a complexidade e uma melhor compreensão de que os conhecimentos são produzidos em rede. Conversas que permitiram pensar nas minhas experiências e atuar na empreitada de conectar diferentes fios de diferentes redes por onde me movia e me movo. Permitiram-me andar por Nova Iorque, e por outros cantos, um pouco menos avexado. Permitiram-me pensar sobre a “rede”, o cotidiano e toda a complexidade dele.

### **UM BAIANO NA REDE – DESDOBRAMENTO DO ENCONTRO**

O que pode nos sugerir a ideia de um baiano na rede?

Já fiz esta mesma pergunta para algumas pessoas que disseram que “baiano na rede só pode sugerir sombra, água fresca e preguiça”.

Para a maioria destas pessoas, nem mesmo existe a possibilidade do baiano estar na internet, já que rede também pode nos sugerir a rede mundial de computadores, a famosa “www”.

Fiquei pensando sobre a pergunta, as respostas e o que leva as pessoas a determinadas conclusões. Provisoriamente concluí que talvez pudesse ser culpa do “gosto” que muita gente tem pelas generalizações. Generalizações que fundam conhecimentos que se satisfazem com aquilo que, nas pessoas, é igual (ou imagina-se igual).

(Então, se) [Talvez esta resposta tenha a ver com] a ideia que se tem de baiano: é a aquele sujeito cheio de malícia que nasceu na cidade de Salvador, que joga capoeira, que fica se espreguiçando na beira da praia. Certamente estes são personagens que podem povoar as ruas de Salvador e algumas obras literárias, mas a realidade no cotidiano é bem outra. Mas, então, que diabos faz este baiano na rede?

Este baiano na rede, não é nascido na cidade de Salvador (embora o senso comum acredite que não pode haver baiano de outras cidades). Ele nasceu sim em Jeremoabo, cidade do sertão baiano, que tem como possibilidade de alguma referência/localização histórico-geográfica sua

---

proximidade a Canudos (menos de 20 Km). Com relação à preguiça, à sombra e à água fresca, ele não nega nem confirma (êpa!). Ele tem preguiça (e inclusive acredita que é uma virtude), mas sempre trabalhou duro.

Neste ponto da brincadeira (e aqui brincadeira não tem o sentido de algo que não é sério, mas sim daquilo que é potente e que pode ser feito com prazer e alegria), gostaria de apresentar dois importantes referenciais teóricos para os meus estudos que têm a ver com um grande trabalho de leitura e discussão em grupo: o cotidiano (CERTEAU, 1998) e o pensamento complexo (MORIN, 1998). Gostaria de explicitar um pouco mais a importância destes referenciais para meus estudos, para a minha vida, continuando com a metáfora do baiano na rede.

O que tem a ver um baiano na rede com o cotidiano e o pensamento complexo? Ou será que não existe um paradoxo entre cotidiano e complexidade, pois o que pode ser complexo no cotidiano além de briga de família ou outros acidentes de percurso?

Parêntese explícito: estas (e outras) perguntas fazem parte dos diálogos interiores que eu costumava ter quando perambulava pelas ruas de Nova Iorque assustado com o trânsito, as diferenças, a altura dos prédios e o medo de me “perder”.

A primeira questão que me parece importante levantar é sobre o entendimento que se tem de cotidiano, ou seja, aquilo que a metáfora nos leva a pensar: repetição do dia a dia onde nada acontece de importante, ou por outra, lugar das rotinas e do tédio que só é quebrado por uma briga de família num almoço de domingo.

O cotidiano em que acreditamos nós, “nós” de uma rede – é aquele tempo-espaco onde acontecem as coisas para além da repetição e reprodução de uma estrutura social. Segundo Certeau (1998), é o espaco/tempo das singularidades, dos sujeitos reais e suas práticas. O estudo deste cotidiano nos leva a um conhecimento que não se contenta com as generalizações e as estatísticas. Para Certeau (1998), as estatísticas só encontram o homogêneo. Ela reproduz o sistema ao qual pertence e deixa fora do seu campo a proliferação das histórias e operações heterogêneas que compõem os “patchworks” do cotidiano (p. 46).

Assim, se pretendemos que um baiano na rede deixe de ser uma generalização, teremos que pensá-lo em seu cotidiano: sua trajetória – sua fala (uma fala polifônica) sua sintaxe (e seu sotaque “carregado”) – de sua família de nordestinos pobres que fugindo da situação difícil vem em busca, no “sul maravilha”, de novas oportunidades; seus passos (e impasses), que inscrevem desenhos sinuosos e singulares na multidão; suas “negociações” e os “malabarismos”, ao que Certeau também chama de táticas, mas para nós, que somos de circo, chamamos assim àquilo que diz

---

respeito a um saber diferente do saber do mágico em que uma vez revelado o truque... que teve de fazer para sobreviver.

Enfim, estudar o cotidiano é mergulhar em toda a sua pluralidade, sua complexidade e a sua irredutibilidade, pois que não é linear, nem previsível. Para se estudar o cotidiano temos que estar nele, ao contrário do que faz a ciência moderna que propõe distanciamento, a busca pela totalidade do pensável e reprodutibilidade daquilo que supõe como realidade generalizada e objetiva.

Certeau (1998) me dá a seguinte indicação: em “Nova Iorque” (ou em qualquer outra cidade) eu posso ser *voyeur* ou caminhante. Para ser *voyeur*, tenho que achar o ponto mais alto da cidade e ver o conjunto e ter a ilusão da conquista do todo. Porém,

[...] aquele que sobe lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda identidade de autores ou de espectadores. Ícaro, acima dessas águas, pode agora ignorar as astúcias de Dédalo em labirintos móveis e sem fim. Sua elevação o transfigura em “*voyeur*”. Coloca-o a distância. Muda num texto que tem diante de si, sob os olhos, o mundo que enfeitiçava e pelo qual estava “possuído”. Ela permite lê-lo, ser um olho solar, um olhar divino. Exaltação de uma pulsão escópica e gnóstica. Ser apenas este ponto que vê (sem ser visto) eis a ficção do saber. (p. 170).

Como caminhante, posso saborear, cheirar, embrenhar-me pelos acontecimentos das “ruas”, ver e ser visto, assumindo todas as implicações, as responsabilidades que esta relação pode acarretar.

Se entendermos que o cotidiano não é este lugar monótono, que cheira à rotina conjugal que prepara a separação; se o baiano na rede já nos colocou alguns elementos que perturbaram o conforto da generalização, ou seja, ele não é da cidade de Salvador, tem um nome, um filho chamado Guilherme e que é um dos seus nós de rede, uma história, tem gostos, enfim, uma subjetividade que o torna diferente de todos os outros seres vivos, então poderemos até dizer que um baiano na rede nos remete à ideia de sombra, água fresca e preguiça, mas, quando mudamos o artigo e dizemos que este baiano é conhecido por Valter Filé, que tem um CPF e um documento de identidade que o reconhece por José Valter Pereira, que tem alguns casamentos feitos e desfeitos e que caminha ainda com dificuldades pelas ruas de outras Nova Iorque, aí as coisas começam a ficar mais complexas, uma vez que não existe um baiano qualquer na rede, mas sim um determinado baiano.

Ele tem preguiça mas trabalha duro. (Acho bom a gente parar por aqui! – outro diálogo interior). Mas agora é que as coisas estão esquentando, até porque a complexidade não deve significar uma barreira intransponível ao conhecimento.

---

Devemos encarar o pensamento complexo como aquele que vai nos ajudar a abdicar da simplificação, e nos chamar a atenção para as diversas maneiras de olhar um fenômeno, na sua multidimensionalidade. Um baiano não pode ser visto apenas como um baiano. Ele é também um ser vivo, tem problemas políticos, culturais e econômicos. A complexidade das várias dimensões do ser baiano, de ser homem, brasileiro, deve ser entendida no conjunto e, não de forma isolada. No dizer de Morin (1998),

[...] as diversas complexidades [...] (a complicação, a desordem, a contradição, a dificuldade lógica, os problemas de organização, etc.) formam o tecido da complexidade: *complexus* é o que está junto; é o tecido formado por diferentes fios que se transformam numa só coisa. Isto é, tudo isso se entrecruza, tudo se entrelaça para formar a unidade do *complexus*; porém a unidade do *complexus* não destrói a variedade e a diversidade das complexidades que o teceram. (p. 188).

Assim, o baiano não pode ser uma generalização, pois pode ser de diferentes maneiras em respostas às circunstâncias, aos desafios. Este baiano só pode fazer frente aos desafios da identidade, aos desafios da pergunta *quem é você*, contando a sua história, narrando.

Bem, o baiano já deu muito pano “prá” mangas, mas e a tal rede?

Podemos pensar na rede como aquela peça que serve da cama e que fica separando dois coqueiros, embalando a preguiça de baianos, americanos, pernambucanos, franceses, enfim, da gente que queira deitar.

Na verdade, a rede a que estamos nos referindo é a metáfora que se propõe trabalhar uma outra noção de produção do conhecimento. É uma noção que se contrapõe à metáfora da árvore, já que esta sintetiza a ideia de conhecimento como organização burocrática, linear, centralizadora e sem intercomunicação entre seus galhos, mas a partir do centro que é o tronco. Para Lefebvre (1983),

[...] numa árvore, o trajeto de um ponto a outro é obrigatório (coativo e único); passa inevitavelmente por esse e por aquele cume e pela hierarquia dos cumes. Define-se apenas por relações binárias (bifurcações, dicotomias, etc.). Assim, o espaço é completamente ordenado. Em troca, as redes e semirredes, permitem múltiplos percursos para ir de cada ponto a cada ponto (e até mesmo um número ilimitado de percursos). (p. 35).

Na rede não existe o isolamento asséptico da ciência moderna, mas sim interação impregnada. Não existe a possibilidade de se entender a parte sem considerar o todo e a relação

---

complexa desta existência. Na rede, não existe um ponto central, de onde partem os conhecimentos válidos e que dão validade a outros. Existe o fluxo.

Então, o baiano na rede é mais do que simplesmente um ser único, com preguiça, mas um sujeito que traz em si várias experiências, em diferentes tempos-espacos – trabalhos, namoros, preguiças, pessoas, escolas, etc. – que formam suas redes de formação. Em relação ao tecido do seu conhecimento, não se pode hierarquizá-lo, a partir dos graus de escolarização ou das relações mais importantes. São muitos caminhos que se cruzam. Embora seja muito difícil conciliar esta noção com as concepções de conhecimento que vemos na escola. Alves (1994) nos lembra que,

[...] com a sólida hegemonia da burguesia, que deixa para trás seu caráter revolucionário, a ciência e o conhecimento dela advindo, bem como o conhecimento reproduzido e criado na escola tomam predominantemente um caráter linear e hierarquizado. É por isto que a construção do conhecimento (na ciência e na escola) ganha a grafia em árvore na qual só depois de grande escalada do rugoso tronco de mesmices, se chega à frondosa copa, com suas diferentes folhas, flores e frutos – lindos e saborosos. Por outro lado, se abandona o rico caminho das trocas entre teoria e prática. Só mais recentemente se recupera a grafia em rede pela qual a construção do conhecimento se dá por numerosos, diferentes e mais ou menos complexos caminhos e processos. (p. 19).

Entre os numerosos, diferentes e mais ou menos complexos encontros da minha formação um foi fundamental para a ampliação das minhas condições de possibilidades para transitar pela vida acadêmica. O encontro com Nilda Alves.

---

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Associados iguais, tanto de direito como de fato: a relação teoria-prática em currículo. 17<sup>a</sup> *Reunião Anual da Anped*. Caxambu, 23 a 27 out. 1994. [meio digital].
- CERTAU, Michel de. *A invenção do cotidiano – artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LEFEBVRE, Henri. *Lógica formal/lógica dialética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998;
- RICOEUR, Paul. *O si mesmo como outro*. Campinas: Papyrus, 1991.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.

---

## RESUMO

Este texto pretende oferecer-se como a narrativa de alguns acontecimentos que dizem respeito à minha formação. Pretende oferecer vestígios de como fui fazendo algumas das minhas conexões possíveis entre as diferentes e complexas histórias – contadas e “ouvidas”, entre diferentes e complexos personagens. Diz respeito a um período específico e que considero muito importante: a minha volta ao mundo acadêmico, a minha entrada no mestrado em educação. Narrativa sobre alguns acontecimentos e, desde aí, os seus desdobramentos – tanto para o que veio, tanto para o que está por vir. Uma narrativa que coloca ênfase num encontro que foi decisivo para a minha formação. O encontro foi com a professora Nilda Alves. Desde aí, outros encontros e acontecimentos me abriram outras condições. Esse encontro foi decisivo para a minha formação.

**Palavras-chave:** Formação; Narrativas; Experiências; Encontros; Nilda Alves.

## ABSTRACT

This text offers a narrative of some events related to my training, presenting evidence of how I was building up some of my possible connections among different and complex stories, recounted and “heard” among different and complex characters. This covers a specific period and that I feel is very important: my return to the academic world and my enrolment for a master's degree in education. A narrative about some events and then their ramifications, for what occurred and for what is still to come. A narrative underscoring a meeting that was crucial to my training. This meeting was with Professor Nilda Alves. Since then, further meetings and other events have opened up new paths for me. This meeting was crucial to my training.

**Keywords:** Training; Experiences; Meetings; Nilda Alves.

*Recebido em: setembro de 2012*

*Aprovado em: outubro de 2012*